



# CINEMA

SEMANARIO  
CINEMATOGRAFICO

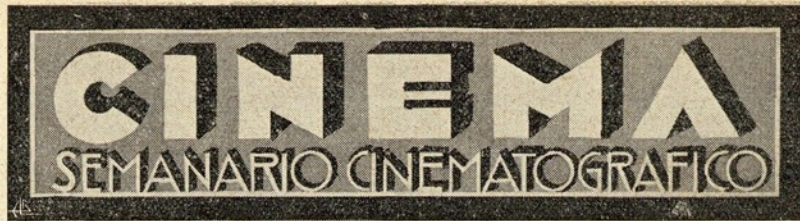
NUMERO 3

PREÇO 1\$00

Na Capa:—Buster Keaton (Pamplinas), protagonista do filme «O Fabricante de Estrelas»

Redactores :  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bomjardim, 436-3.  
PORTO



ASSINATURAS  
Continente e Ilhas :  
Trimestre, 12\$00. Sem.  
24\$00. Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50. Sem. 29\$00.  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

Director e Proprietário : ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

Narração Cine-  
matográfica de F.  
W. Murnau e R. J.  
Flaherty

# “Tabu”

Apresentada  
pela  
“Paramount”

2—(Continuação)

De flores de «tiaré» ou de hibisco no cabelo, perseguem, de fisga na mão, o peixe que vem rondar a areia das costas, armam laços, estendem grandes redes feitas com arte. As suas mulheres são pequenas e graciosas.

Sob imensos coqueiros, que estendem para as ondas os seus troncos oblíquos coroados dum leque de palmas, edificam as suas cabanas primitivas, entrelaçando habilmente fibras de bambú. Não temem os animais ferozes; só o tubarão, na profundidade das águas, pôde ameaça-los quando mergulham. Os seus únicos bens são harpas, uma piroga de balouço talhada em madeira «tamami», que é uma espécie de teca muito leve, e uma vela de côres vivas.

Em Bora-Bora, o mais belo rapaz, o mais perfeito atleta era Matahi, os seus próprios rivais o reconheciam.

De dezoito anos de idade, Matahi era o melhor nadador, o melhor mergulhador da ilha. Ninguém descia como êle a trinta metros para atravessar com um dardo esses enormes peixes que transpõem a barra; ninguém sabia como êle, nesse nadar poderoso e rápido que os europeus chamaram *crawl*, alcançar rapidamente um barco. Nada desconhecia da arte de fazer equilíbrios a pé numa piroga, e ia arrancar, a quinze ou vinte metros de profundidade, a ostra perlifera aos arcanos da onda e do rochedo.

A estas qualidades, que já eram de molde a conciliar a admiração de primitivos, Matahi juntava ainda outras. Era um dançador exímio, um carácter indomável e altivo, um rude batalhador na ocasião própria. E, a par disso, que amável, que exuberante companheiro! Sabia tocar guitarra para ao som dela entoar louvores aos deuses ou cantar aos olhos da sua amada. Era serviçal e cortês, sempre sorridente e não desconfiava de que noutros pudesse haver maldade, porque êle mesmo a não tinha em seu forte peito.

E no físico? Um rapaz bem construído, que esforços constantes haviam musculado, que uma vida sã transformava dia-a-dia numa verdadeira estátua de bronze. Pela finura das articulações, pelo porte arrogante da cabeça, pela regularidade das feições, Matahi sobrepujava todos os outros, sem conceber por isso o menor orgulho! Era uma criança; e criança havia de ser, com tudo que esta palavra encerra de fresco, de terno, de confiante. No entanto, esperava-o uma prova que deveria fazer dêle — mais de-pressa, com certeza, do que o desejava — um homem.

Na próxima ilha de Mooreea vivia uma jovem polinésia que tinha o nome de Reri e dezasseis anos de idade.

(Continua).

(16me.). 3.<sup>a</sup> Dina Gralla, Berlin Sfeiglitz, Opitzstrasse 8.

E volte a escrever-me, Guidinha!

GERALDO SEM PAVOR:—Registo o seu interesse pela nossa revista. Sim, senhor, Conrad Veidt já tem feito vários filmes falados. O primeiro, foi «The Last Performance», da «Universal» com Mary Philbin. Depois, fez para a «Ufa» «Os 13 Heróis» («A Ultima Companhia»), que Raul Lopes Freire distribue, e que verá aí em Evora, de-certo. Fez tambem o papel de Metternich na versão alemão «O Congresso que Dansa», e, ultimamente, trabalhou em Joinville num filme alemão da «Paramount».

Mande sempre, ó Geraldo.

MARIA PIC'OS FORTES:— Já disse e repito que a Fernanda não é nenhum de nós: Nem eu nem o nosso Director. Que mania de confundirem connosco aquela nossa Ilustre Camarada!

Evelyn Brent tem estado com a «Columbia». Você ficou 1000% Marie Gloryfilo? Tal qual como o nosso Director. Babões!...

J. SOUZA:— Albert Cavalcanti não é, na minha opinião, um realizador de grande categoria. Fez uma fitecas silenciosas, que não foram exibidas em Portugal, fez uma outra, de mais valor, que passou entre nós, «O Capitão Fracasse», e agora no sonoro «A Canção do Berço», que é, como sabe, uma obra-prima...

F. A. Elias, o realizador de «Rato d'Hotel», foi, na América, assistente de Cecil De Mille. Agora trabalha em França.

DOIDO POR LOIRAS:—Li com muita atenção a sua carta, e vejo que «Marrocos» o deixou Marlénico de todo. Pelo que me diz, talvez ainda mais do que uma pessoa que a gente sabe...

Se isto é com «Marrocos», o que não será com «Fatalidade»! O «suco da goiaba»!...

OH KEY:— Antes de mais nada, não é assim que se escreve, é Okay. E' um termo que os americanos empregam muito frequentemente para dizer que está bem, que estão de acordo. Corresponde ao nosso «fixe».

Walt Disney, 2719 Hyperion Avenue, Hollywood, Cal. Max Fleischer, c/o «Paramount Publix Corp.», Paramount Building, Times Square, Nova York City.

OUTRAS CARTAS:— Ficam aqui algumas cartas, cuja resposta a falta de espaço me obriga a transferir para o próximo numero,

EU SEI TUDO.

## Efemérides da semana

6 a 12 de Fevereiro

- C  
I  
N  
E  
M  
A  
2
- Fev. 6 (1899) — Nasce em Durango, México, o actor Ramon Novarro.
  - 7 (1931) — Produz-se uma violenta explosão durante a primeira exhibição do filme «Cimarron», da «Radio», ficando feridas umas trinta pessoas.
  - 8 (1920) — Estreia-se no «Condes» a fita «Dentro da Lei», com Alice Joyce.
  - 9 (1891) — Nasce em Richmond, Survey (Inglaterra), o actor Ronald Colman.
  - 10 (1894) — Nasce em San Francisco o actor Roy D'Arcy.
  - 12 (1920) — Nasce em Nova-York o actor William Collier Jr.

## Correspondência

UM AMIGO DE «EU SEI TUDO»: — Este pseudónimo não serve para definir qualquer correspondente meu. Todos são meus amigos, não é verdade, camaradinhas?

Sobre a sua pretensão, aconselho-o a não pensar nela, por enquanto. Ainda está longe a construção do estúdio nacional, em que se vem falando. Vá acompanhando o que se diz sobre a produção portuguesa (e é bem pouco, infelizmente) e volte ao assunto, quando vir que ha necessidade de recrutar pessoal. Por enquanto, é ainda muito cedo.

MARGARIDA:— 1.<sup>a</sup> — Albert Préjean, 29, Avenue Ledru-Rollin, Paris (12me).  
2.<sup>a</sup> Matje Glory, 37, rua Pergolèse. Paris



Marion Shilling e Marcia Manners, tiveram uma licençazinha da «Paramount» e foram descansar para a praia de Santa Monica. Hei-de ir para Santa Monica, quando chegarem as minhas férias!...

## O Cantinho dum Cinéfilo

A «Metro Goldwyn-Mayer» tomou, desde há pouco, uma decisão importante, que vai, de-certo, modificar grandemente o sistema de produção na América. Trata-se da reunião, num só filme, de artistas de categoria, de estrelas que, até agora, isoladamente, eram a cabeça do *cast*, o chamariz de toda a produção.

Reuniu Wallace Beery e Jackie Cooper em «The Champ». E foram magníficos os resultados. Greta Garbo e Ramon Novarro em «Mata Hari». E foi colossal a sua exibição no «Capitol», de Nova-York, e tem-no sido igualmente nas cidades onde o filme tem passado. Agora está terminando «Arsene Lupin», com John e Lionel Barrymore, um filme que promete.

E a carta do nosso correspondente em Hollywood, acabada de receber, traz-nos a sensacional notícia de que a «M-G-M» está começando «Grand Hotel», em cujo elenco figuram Greta Garbo, John Barrymore, Joan Crawford, Wallace Beery, Lionel Barrymore, Lewis Stone e Jean Hersholt.

O maior elenco até hoje apresentado num só filme.

E, evidentemente, o desejo de melhorar a produção. Melhores filmes, mas melhores filmes.

Assim é que está certo.

■ ■ ■

As várias firmas produtoras americanas, com uma ou duas excepções, dizem-nos as notícias do outro lado do «grande charco», desistiram de fazer versões espanholas dos seus filmes, por não encontrarem, na sua exploração, a amortização do custo do negativo.

Está mais que provado que as versões estrangeiras, interpretadas por artistas do próprio país a que se destinam, só podem ter bom acolhimento nesses países, desde que sejam extremamente populares os artistas que as interpretam e, principalmente, que com a produção dessas versões tenha havido os mesmos meticulosos cuidados que com as versões originais.

Doutra forma, o público, que já tem os olhos bem abertos, põe de parte o patriotismo bafoso que o levaria a sacrificar-se pelos filmes com os artistas seus compatriotas ou filmes simplesmente falados na sua língua por artistas estrangeiros, e vai para onde lhe derem melhores produções.

Filmes na língua do país em que se exibem? Excelente! O ideal!

Mas filmes capazes!

Assim aconteceu já em Portugal, assim tem acontecido em Espanha, assim acontece até na própria França.

■ ■ ■

Temos o exemplo da «Ufa». De versões estrangeiras, só as tem feito em francês e, poucas, em inglês.

E porquê? Porque tem sabido escolher os seus intérpretes entre os mais populares falando aquelas línguas. Lilian

Harvey é mais querida em França do que a mais popular actriz francesa.

E, principalmente, porque, às versões que tem feito em francês e inglês, tem dispensado a mesma cuidadosa atenção que às versões alemãs. Desde «O Caminho do Paraíso» a «O Congresso que Dança», todas as versões estrangeiras mereceram à «Ufa» a esmerada produção que tem dado aos filmes para o seu país, desde «Drei von der Tankstelle» a «Der Congress Tanzl».

E' que o mercado francês (a França e os países que recebem com preferência as produções em língua francesa) e o inglês (Inglaterra e América) dão compensação aos esforços da «Ufa», e todos os seus gastos com tal excelência de versões são largamente amortizados. Tal não sucederia, porém, com versões em italiano, romeno, português, e outras línguas de reduzida expansão — reduzida relativamente ao número de cinemas sonoros estabelecidos nesses países.

■ ■ ■

Outro exemplo — em directriz diferente.

As versões em português feitas pela «Paramount».

Ponhamos de parte «A Canção do Berço» e «A Mulher que Ri», e abordemos apenas «A Minha Noite de Nupcias», a única que resultou aceitável.

A «Paramount» fez as suas contas. Somou os salários dos artistas e do pessoal técnico; as viagens de ida e volta e o estágio em Paris; o aluguer dos estúdios; a quota parte da versão portuguesa nos direitos de autor e em todos os trabalhos técnicos comuns a todas as versões; o lucro mínimo da produção, etc., etc.

E como o filme tinha que ser amortizado só em Portugal e Brasil, (quicá também na colónia portuguesa da América), estabeleceu para Portugal a quota de 400 contos.

Vamos lá, foi razoável! Podia ser menos, mas também podia ser mais! Mais do que isso rendeu «José do Telhado! Mais «Fátima Milagrosa»!

Pois ainda está à volta de 300 contos o rendimento de «A Minha Noite de Nupcias» para a «Paramount». E já foi estreada e reexibida em Lisboa e Porto. E já passou por quantos cinemas sonoros há na Província (que não são muitos, digamos), tendo servido de filme inaugural a alguns deles. Suponho que já foi às Ilhas e à África. E ainda faltam cerca de 100 contos para cobrir a quota estabelecida pela «Paramount»!

Donde se conclui que o mercado português, actualmente, é demasiado escasso. E' preciso contar com a província, e é necessário, pois, a instalação sonora nas dezenas, talvez nas centenas de cinemas que, explorando ainda os resíduos do silencioso, não podem contribuir para a amortização dos fonofilmes.

E só depois se deve pensar a sério em filmes em língua portuguesa.

C  
I  
N  
E  
M  
A

## Hollywood prefere == as loiras... ==



Irresistíveis», loiras são as empregadas dos restaurantes em moda, as «manucures», as dactilogرافas... Loiras são os primeiros prêmios dos concursos de beleza, os meninos prodígios, — e até a jumenta de Tom Mix...

Loiras, evidentemente, são as grandes «estrelas», — as «estrelas» de primeira grandeza... Alguns nomes: Ruth Chatterton, Joan e Constance Bennett, Dorothy Mackaill, Dolores Costello, Mary Pickford, Marlene Dietrich, Greta Garbô, Betty Compson, Ann Harding, Loretta Young, Jeanette Loff, Carole Lombard, Jeanette MacDonald, Marilyn Miller, Thelma Todd, Anita Page, Grace Moore, Leila Hyams, Esther Ralston, Anna Q. Nilsson, Marion Davies, Laura La Plante, Lilyan Tashman, Dixie Lee, Virginia Cherrill...

Porquê esta preferência pelas loiras?... De onde vem esta reconhecida superioridade?...

Max Factor, que é o grande perito em maquiagem em Hollywood, afirma: «o cinema gosta das loiras porque elas são mais fotogénicas. Há na complexão geral e no rosto de uma loira uma harmonia subtil, delicada, que a camera sabe aproveitar, e que compõe um perfeito conjunto de beleza... Não creio que as loiras sejam as melhores artistas... Não possuem o temperamento das morenas... Mas são mais ligeiras, — mais fáceis de dirigir... Uma pasta mais amoldável... É verdade que o cinema apenas põe em evidência uma preferência conhecida desde há séculos... Prefere-se que sejam loiras as heroínas dos romances, — porque o loiro é uma qualidade essencialmente feminina...»

Loiras... Um bonito nome... Sabe a mel... Lembra as searas... Todas as mulheres nascidas pela imaginação dos poetas são loiras: os anjos, as madonas, a musa de Musset... E não se esqueçam que Deus fez de Eva uma mulher loira... Mas afinal de contas, algumas loiras não são loiras!... Laura La Plante, que parece loira desde o berço, tinha o cabelo castanho escuro aqui há anos... Mas a glória não lhe sorriu senão a partir do dia em que empregou água oxigenada em grande quantidade... E ultimamente, um capricho que teve de dar aos seus cabelos a côr inicial, o seu filme «A Marselheza» não foi bem recebido pelos seus admiradores...

Alice White tinha um talento bem reduzido... Durante três anos quasi que marcou passo... Mas logo que aloirou os seus cabelos conheceu horas de sucesso...

Betty Compson é uma das raras artistas loiras que não acreditam na supremacia dos cabelos claros... O seu cabelo tem passado por todas as cores...

Privilégio exclusivo das ingénuas, os cabelos loiros aparecem agora em todas as cabeças... Lilyan Tashman, uma loira 100%, foi a primeira mulher fatal loira...

Esta nova versão, ao princípio tam surpreendente, seduziu bem de-prensa o mundo inteiro... Toda a gente procura descobrir «vamps» loiras, — que são mais pérfidas que as morenas...

E a voga das loiras não acabará, — pelo menos enquanto houver homens sobre a terra...

S. C.

C  
I  
N

**E** «Os homens preferem as loiras», afirma cheia de convicção Annita Loos num livro que deu volta ao mundo e que a-final de contas não é tam interessante como muita gente supõe... Talvez encerre uma única verdade, — a verdade do seu título bem americano...

**A** Sim, os homens preferem sempre as loiras... Hollywood, lugar de encontro das mais bonitas mulheres de todo o mundo, também prefere as loiras...

**4** Loiras são as jovens «estrelas» cujo destino se começa a afirmar venturoso, loiras são as figurantes escolhidas na multidão das «vocações

Seis loirinhas de Hollywood. De cima para baixo, e da esquerda para a direita: Joan Crawford, Joan Marsh, Carol Lombard, Anita Page, Constance Bennett e Miriam Hopkins. A gente vê isto e fica «doido por loiras», como certo fiel correspondente do «Eu sei tudo!»



LILIAN HARVEY

hoje a mais popular actriz do cinema na Europa. E não digo «em todo o mundo», porque os americanos mal conhecem a «nossa» Lillianzinha, um filão descoberto pela «Ufa»... e pela Agencia Cinematográfica H. da Costa, Ltda.



“O Café do Felizberto”, situado num dos bairros mais calmos de Paris, é um estabelecimento prospero e bastante famoso. Formam a maior parte da sua clientela namorados que encontram no ambiente tranquilo dos extramaduros parisienses o lugarzinho mais apropriado às suas conversas de amor, sem nenhum bisbilhoteiro que meta o nariz nos segredos trocados entre o vai e vem dos pratos.

Pintoresco como é o nosso *Petit Café*, pois lá se reúnem, além dos namorados que se beijam a ocultas, numerosos artistas e poetas, não podia deixar de ter um criado digno de tam aprazível como secreto retiro. Esse bem posto *garçon* é Alberto Loriflan, um moço de humilde procedencia, filho, segundo se dizia, do jardineiro do Conde de Caspion, que abraçara a profissão de criado à falta de outra melhor. Além do Alberto, ha no *Petit Café* o velho proprietário, sua filha Yvonne e alguns serviçais que aparecerão oportunamente, no decorrer desta história.

Para tomarmos o fio da aventura que aqui começa, façamos de conta que vamos almoçar no pequeno restaurante do senhor Felizberto. Não somos os primeiros a chegar. Já lá se encontra um casal: O senhor Jabert, advogado parisiense, e Mademoiselle Bérengère, uma dessas belas mulheres que só a França sabe produzir.

O criado Alberto, dado como é aos *flirts* da profissão, vem logo todo lampeiro oferecer os seus serviços, mas ao ver Mademoiselle Bérengère, fica visivelmente atordoado. E' que descobrira na encantadora desconhecida a mulher dos seus sonhos! A boca, os modos, os olhos,

tudo fazia parte da sua concepção do perfeito.

Não obstante, esforçando-se por vencer a comoção, exclama:

— Recomendando-lhe os rabanetes, Madame... Estão fresquinhos... E para depois, temos um presunto incomparável, filho de um porco famoso...

Não pode continuar. Colhido por um olhar severo de Jabert, correu para a cozinha com toda a sua emoção. De regresso, encontra-se na sala interior com Yvonne, a filha do proprietário, que acaba de ficar aprovada no exame e está mais cheia de importancia do que nunca. Ao passar com a pressa natural de quem corre para junto de uma linda mulher, Alberto, inadvertidamente, deita ao chão os livros da rapariga que, tendo já notado a bonita freguesa para a qual se dirige a solicitude do criado, exclama furiosa:

— Desastrado! Já sei: andas todo apressado por causa daquela mulher... Vamos, apanha-me os livros, ou serás despedido!

Alberto conhece o génio assomadoço de Yvonne e não lhe presta atenção. Mas tanto tempo perdeu na discussão que, ao voltar à sala do restaurante, os fregueses já tinham desaparecido. Que dissabor! Desolado, Alberto procura consolar-se recordando o lindo semblante de Mlle. Bérengère, quando uma nova personagem vem procurar o senhor Felizberto:

— Sou Mlle. Edwige, — diz —, e venho falar-lhe do seu criado Alberto. Há alguns meses que estamos noivos, mas o salario que o senhor lhe paga é tam pequeno que não podemos casar...

— E que quere que lhe faça? Alberto

## “O Café do Felizberto”

não vale mais de quinhentos francos por mês...

— Quinhentos francos!? — exclama a visitante com assombro. — Que grande tratante, tinha-me dito que ganhava trezentos!

O velho observa então que Mlle. Edwige traz um violino debaixo do braço, e, sabendo a professora de musica, contrata-a para dar lições de canto a Yvonne.

Começa a primeira lição. A filha de Felizberto mostra-se irritada, pois não pode tolerar a ideia de que aquela velha impertinente lhe arrebate o simpatico Alberto, a quem intimamente ama, embora o não diga e ande sempre em disputa com elle. No entanto, vai tolerando a custo a professora, quando dos baixos do edificio chega um tal Cadeaux, escrevente no escritorio do advogado Jabert e secreto apaixonado de Yvonne. Cadeaux entra com ares de quem traz noticias frescas e importantes. E de facto assim é. Dirigindo-se a Felizberto, que por mais de uma vez lhe recusara a mão da filha, exclama:

— Alviçaras! Alviçaras! Alberto, o seu criado, acaba de herdar cinco milhões de francos! A sorte protege-nos, amigo! Venha de lá um abraço! Vamos ganhar quatrocentos mil francos!

— Não compreendo como, — responde Felizberto, abanando a cabeça.

— Eu explico. Com cinco milhões de francos, Alberto não quererá continuar como criado, — prossegue o escrevente cada vez mais entusiasmado —. Mas antes que elle saiba que é milionario, faremos com que firme um contrato, dando-lhe, é claro, um aumento de ordenado.

— Ainda não compreendo, — insiste o senhor Felizberto, sorrindo.

Os olhos de Cadeaux brilham de perspicacia:

— E' simples. Por esse contrato, Alberto comprometer-se-á a permanecer aqui durante vinte anos. Se quiser rescindi-lo, terá de pagar uma indemnização de quatrocentos mil francos...

\* \* \*

A ideia de Cadeaux parece maravilhosa. De regresso da adega, onde fôra, a pedido de Felizberto, provar os vinhos da casa, Alberto vem bebendo como um cacho. E' o momento oportuno para se realizar o negocio. Felizberto, aproveitando-se do estado de embriaguez do simpatico criado, obtem com facilidade, numa dos mesas do café, a assinatura do ardiloso contrato. Neste momento, Cadeaux, que estivera escondido, entra subitamente e diz a Alberto que o doutor Jabert precisava de lhe falar.

A-pesar-de ébrio, Alberto corre ao escritorio do doutor e, ao saber que está rico, fica como louco:

— Sou milionario! Sou o homem mais feliz do mundo! Onde está o meu dinheiro? Adeus, vida de criado, sou milionario! Agora posso dormir até às horas que me apetezer, sem que ninguém tenha que me criticar!

E entra pelo salão do *Petit Café* ia-

zendo um alarido tal que chega a assustar a clientela. Pobre Alberto! As suas illusões deviam desvanecer-se rapidamente. Felizberto, que o olha de soslaio, satisfeito por ver converter-se em realidade o habil plano de Cadeaux, acerca-se dele. Alberto, no auge do entusiasmo, exclama:

— Fique-se cem a sua chafarica, velho insolente! Eu sou milionario! Não trabalho mais!

— Voltando-se para Yvonne, que entra atraída pela sua gritaria:

— Querias despedir-me esta manhã, não é verdade? Pois não é preciso que me despeças. Sou eu que me despeço!

Felizberto interrompe-lhe o passo:

— Olha o contrato! Se saíres daqui, terás de me pagar quatrocentos mil francos...

O efeito destas palavras é tiemendo. Alberto compreende rapidamente a situação e sente que a sua alegria se transforma em raiva. Mas como não é homem que se deixe «levar» com facilidade, dá ao caso uma solução diferente da que Felizberto e o seu aliado esperavam.

— Ah, seu velhaco! — exclama com indignação. — Pois não saio! Fico aqui. Serei o «*garçon* milionario»... E durante vinte anos, você terá de me pagar os dez mil francos mensais que estipula o contrato. E se o rescindir, quem recebe os quatrocentos mil francos sou eu...

O velho fica aterrado e vai ter com Cadeaux. Este procura acalma-lo.

— Nada receie. Isso é o que elle diz. Fique certo de que não suportará a situação de criado nem mais um mês... Respondo por isso.

E sorrindo com ar aliciante:

— Agora que sou rico, supponho que não se obstinará em me recusar a mão de sua filha.

O velho concentrou-se um momento.

— Bem, — disse finalmente, — se fizeres com que Alberto pague a indemnização, podes contar com o meu consentimento.

Cadeaux esfrega as mãos, cheio de satisfação.

— Fica por minha conta...

\* \* \*

Alberto Loriflan mete num Banco a fortuna que lhe deixara o Conde de Caspion e prossegue como criado do *Petit Café*, com a vantagem de cobrar um esplendido salario. Mas como tem rendimentos mais do que suficientes, resolve

### “O Café do Felizberto” (“The Playboy of Paris”)

Produção da «Paramount»

Realização de Ludwig Berger

PRINCIPAIS INTERPRETES

Maurice Chevalier Alberto Loriflan

Yvonne Vallée... Yvonne

Tania Fedor... Mlle. Bérengère

Emile Chautard... Monsieur Felizberto



gozar a vida a seu modo. Em companhia de Paul, um outro empregado do restaurante, sai todas as noites e vai deliciar-se com o que Paris tem de mais mundano e *chic*. E é assim que um dia o acaso o põe em frente de Mademoiselle Bérengère, a encantadora rapariga que já conhecemos. A jovem, como é de supor, não se recorda de o ter visto em parte alguma, mas, sabendo-o possuidor de cinco milhões, sente-se, como é natural, irresistivelmente atraída para elle.

Cadeaux, que não perde Alberto de vista, vendo-o em companhia de Mademoiselle Bérengère, garante a Felizberto que a partida está ganha:

— Com a vida que leva, Alberto não pôde resistir muito tempo. Não deve estar longe o dia em que, sentindo-se exausto, proponha a recisão do contrato...

Engano. Contradizendo o endemoninhado Cadeaux, o jovial *garçon* continua feliz e goza de uma saúde inabalável.

Ante esta resistencia de mau agouro, o escrevente sente que os seus planos fracassam e resolve, de acordo com Felizberto, prevenir Mademoiselle Bérengère de que o seu predilecto não passa de um criado de café. Talvez esta noticia ocasionasse um rompimento, e como Alberto parecia loucamente enamorado pela gentil rapariga, era natural que rescindisse o contrato para recuperar a sua estima.

Por seu lado, o *garçon*, sentindo-se cada vez mais cansado, pois trabalha durante o dia e anda na pandega toda a noite, adopta uma tática: procura, à força de destemperos, levar o patrão a despedi-lo. E de tal modo se entrega a este expediente que converte o *Petit Café* numa autentica casa de loucos. Os fregueses, indignados com o procedimento

do criado, saem pela porta fóra amaldiçoando o estabelecimento e o dono.

Felizberto delira de raiva e increpa o criado pelo seu procedimento, mas este, muito naturalmente, com um sangue frio desesperador, responde-lhe que o despeça, se não está satisfeito com os seus serviços.

Calcule-se o desespero do velho! Despedi-lo? Com que prazer o faria! Mas tal gesto custar-lhe-ia, segundo a letra do contrato, quatrocentos mil francos.

E' então que os três, Yvonne, o pai e Cadeaux, se decidem a ir desmascarar o *garçon* perante a sua elegante amiga.

Nessa noite, como em todas as outras, logo que o estabelecimento fechou, Alberto, acompanhado do seu fiel amigo Paulo, foi procurar Mlle. Bérengère ao seu cabaret favorito encontrando-a entre uma roda de condes e marqueses que o recebem cordialmente, não suspeitando ao de leve sequer da sua condição de criado.

E' nesse meio elegante que Cadeaux, Yvonne e Felizberto o vão surpreender. Yvonne, mais encarniçada contra elle do que os outros — uma mulher com ciúmes é pior do que uma fera — quere reservar para ela o prazer de odesmascarar. E avança para Alberto, sem que possa dete-la a elevada situação dos seus nobres amigos.

— Retire essa mão de cima da cabeça dele! — exclama para Mlle. Bérengère que nesse momento acaricia ternamente o seu amigo. — A senhora devia ter pejo de explorar este pobre rapaz para depois se rir dele!...

A frase produz escandalo entre a assistencia. Mlle. Bérengère sente-se insultada e péde a Alberto que faça calar a insolente. Mas este, antes que Yvonne

(Continua na página 15).

## O mistério da vida dum estudio « Artíficios do cinema sonoro »

Quando tu, leitor, vais ao cinema e ouvés uma forte trovoadá, um formidável ciclone ou uma chuva tropical, estás muito longe de suspeitar quanto aquilo é fictício.

Dentro dos estúdios não ha divindades, mas sómente técnicos orgulhosos e cheios de recursos, que só lançam mão de alguns barris, sereias, timbales, etc.

Se não estás convencido de que todo este material serve para representar uma tempestade, lê com atenção o que adiante se conta, e, quando estiveres num cinema, procura observar bem a realidade dos sons que ouves.

Ainda que os «estúdios» não queiram muitas vezes revelar os seus segredos de produção de sons, a verdade é que nunca é um trovão que ronca. Em quasi todos os casos ha alguma coisa que só duma maneira perfeita ao teu ouvido.

Apesar disso, sempre que é praticavel a fonofilmagem de qualquer autêntico ruído, os estúdios empregam todos os esforços para o utilizar. Quando não é pratico o seu registo, servem-se os técnicos de certos meios illusórios, como verás no decorrer deste artigo. É uma história interessante contada por George Hill, quando dirigia o filme «Heróis do Ar». Necessitou de trovões para a fonofilmagem duma tempestade. Por um extraordinário acaso, anunciavam os jo-

nais de Los Angeles que uma tempestade vinha descendo do cimo das montanhas. Para elas se dirigiu George Hill com um equipamento sonoro, a fim de fazer a gravação de sons.

O equipamento do som funcionou tam bem que George Hill se sentiu tam feliz como Eric von Stroheim se sentiria com 4:000:000 de dolares para dispende.

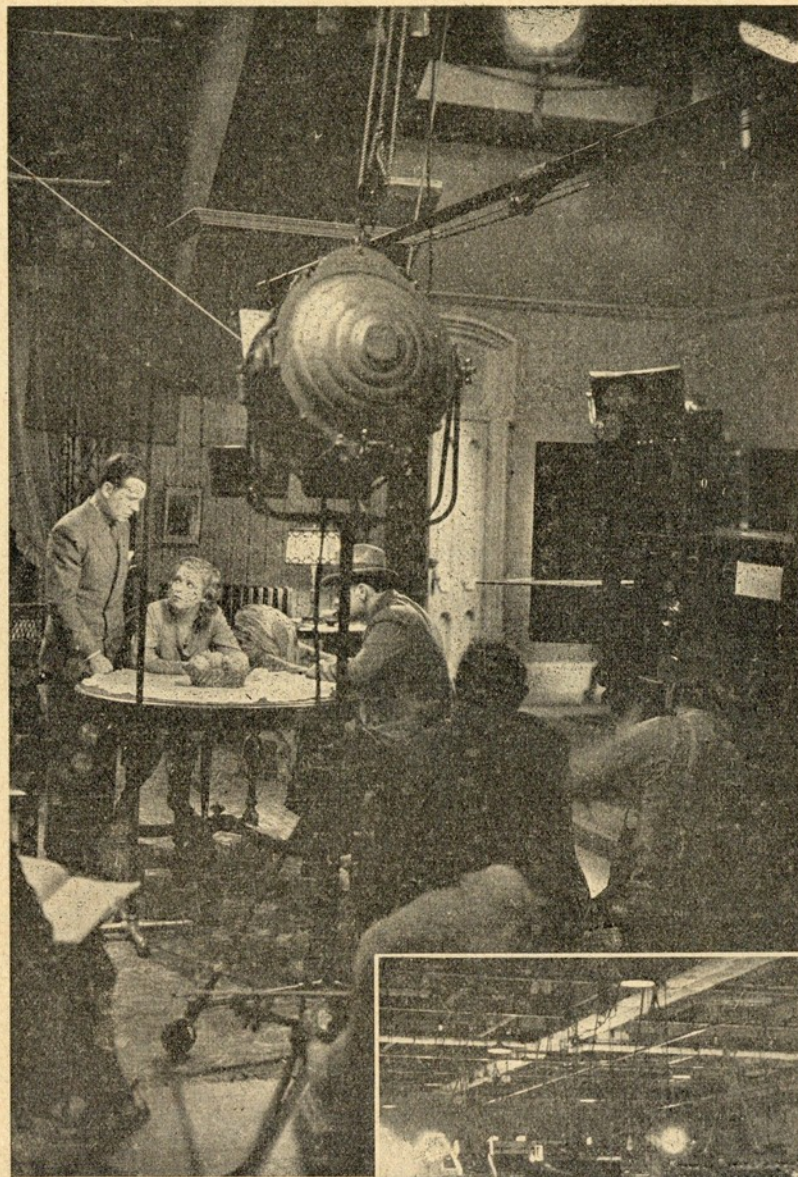
Mas, no momento de ser experimentada a sincronização, com espanto de todos, a reprodução da trovoadá não se fazia ouvir.

E Hill teve de recorrer então ao trovão, de ha muito, usado no teatro: Uma caixa rebumbando com timbales. O resto da tempestade foi praticamente simples. Produziu-se vento com rudimentar material como seja: um cilindro de lona revolido sôbre bocados de madeira. Esta operação deu um esplêndido sibilar de vento através das árvores. Por uma simples manobra pequenas sereias fazem adequados guinchos.

O vento real é tam difícil de registar como um trovão autêntico.

A água das chuvas também não produz sons satisfatórios, todavia, utiliza-se o som natural sempre que é possível.

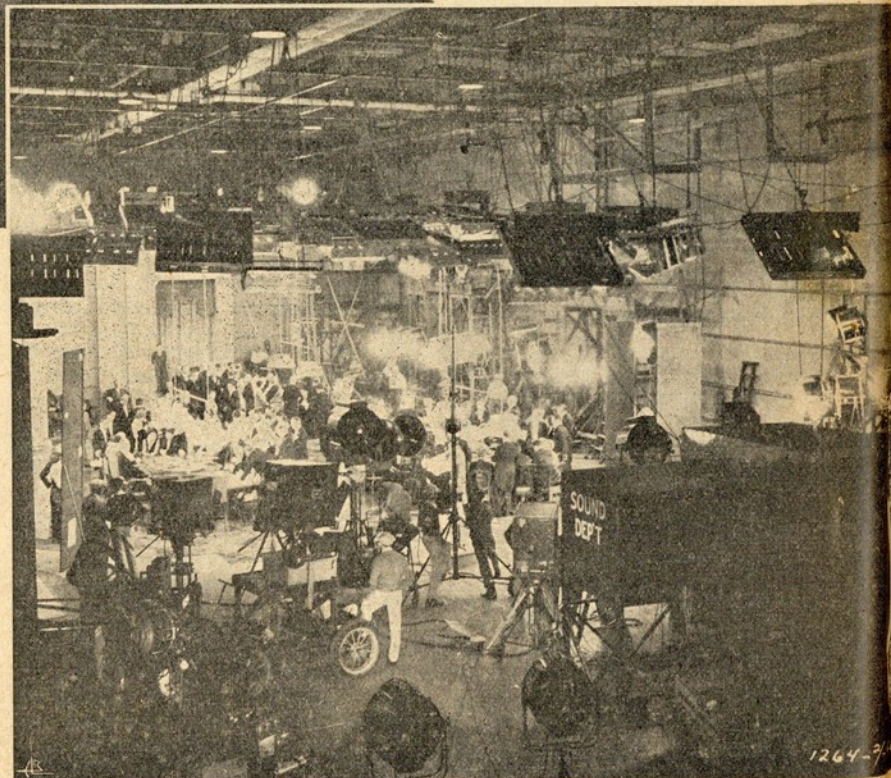
Actualmente, quando é necessário representar os ruídos da chuva, os estúdios têm de recorrer a um dispositivo que dá



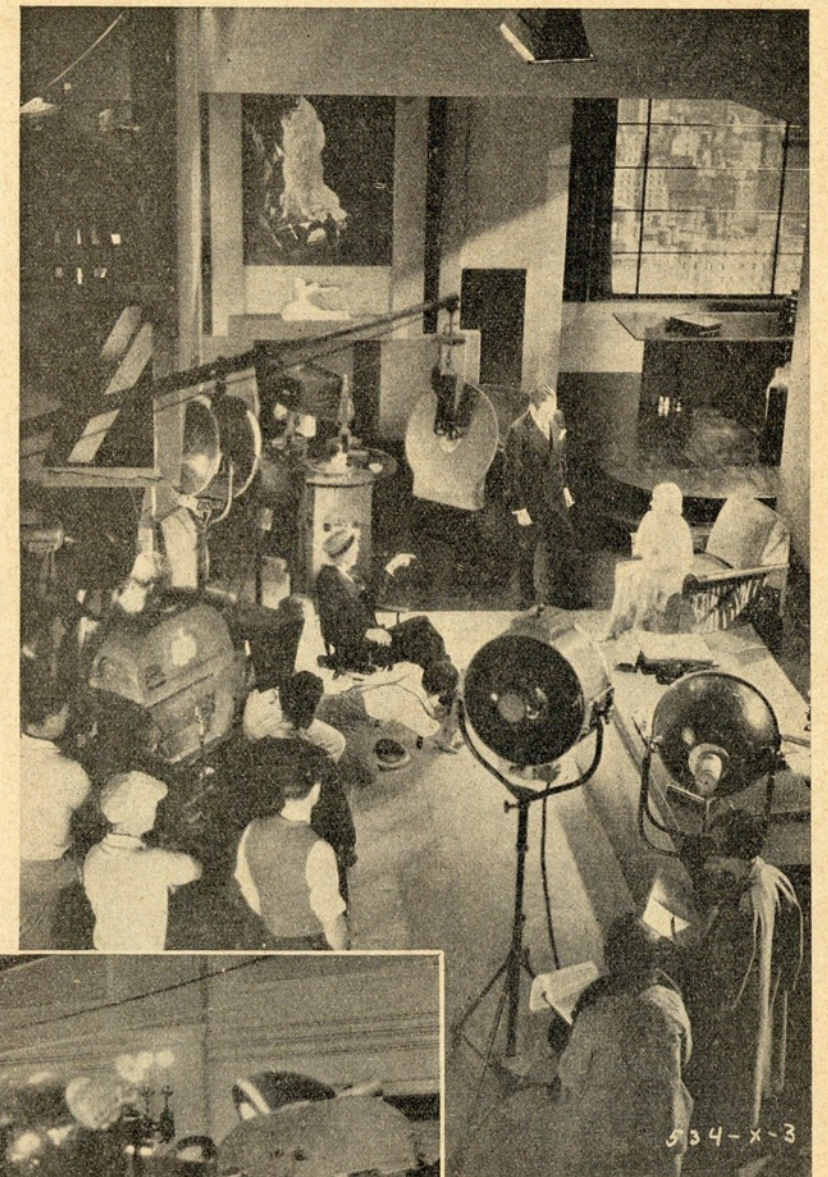
Em cima: Clara Bow e Regis Toomey, filmados numa cena de «Kick In». A' direita, um aspecto dos estúdios da «Paramount», durante a filmagem de «Monte-Carlo».

### Nesta semana fazem anos:

- Fev. 6 — Ramon Novarro (33).  
6 — Ben Lyon (31).  
7 — Eddie Nugent (28).  
8 — King Vidor (37). (Real).  
9 — Ronald Colman (41).  
9 — James Murray (31).  
10 — Roy D'Arcy (38).  
10 — Alin Hale (40).  
10 — Harry Beaumont (Real).  
11 — Reax Lease (29).  
12 — William Collier Jr. (30).  
12 — Tom Moore.



1264-9



Em cima: Adolphe Menjou e Constance Bennett estão recebendo instruções de Jack Conway, para o filme «The Easiest Way», da «M-G-M». Reparem os leitores no novo feitio do «mike». A' esquerda: Filmando um grande plano de Dorothy Jordan e Robert Montgomery, numa fita da «M-G-M». Sentado, com o cenário na mão, o director Harry Pollard.

excelentes resultados: um barril de lona com chumbo dentro. Se o ouvisses revolver, estando num quarto escuro, pensarias logo em ir buscar um guarda-chuva. No filme «Wonder of Women» havia uma cena, em que Peggy Wood olhava através dos vidros duma janela, batidos pela chuva. O

ruído daquelas gôtas parecia ser produzido por um grupo de ferreiros. O realizador empregaria melhor esse ruído no «Côro dos Ferreiros» da Tanhauser.

Para a sonorização perfeita, procedeu-se presentemente batendo com papel mata-borrão na janela.

E' especialmente maravilhosa a facilidade com que se obtêm os efeitos sonoros da água. Ervilhas sê as num longo tubo produzem o som duma grandiosa queda de água.

Casualmente, durante a realização dum recente filme sobre assuntos de marinha, empregou-se o tubo com ervilhas; êste sôava com o embate da água num navio, segundo a autorizada opinião dum oficial de marinha, que servia de técnico consultor. E assim êste som foi incorporado no filme, dando à cena grande realismo.

No filme «Dr. Fu Manchu», que já vimos, a casa do médico oriental estava, aparentemente construída sobre a água. Isso não sucedeu assim, porque não era fácil construir parte dum «estúdio» sobre o Oceano Pacífico. O necessá-

através dum campo de batalha. Utilizam-se, agua, cadeias sobre folhas de zinco, que dão os apropriados sons com muita realidade.

A grande explosão duma mina no filme «Dynamite» constituiu uma das mais emocionantes cenas trazidas para a tela. Uma verdadeira explosão da mina seria totalmente impossível e, além de ser muito perigosa para os actores, fazia rebrantar todos os microfones de Hollywood. Uma caixa de madeira, de grandes dimensões, tendo por baixo balas de canhão em movimento, dá-nos um magnífico som; e, além disso, poupa aos realizadores os inconvenientes duma explosão autêntica. Os tiros de revolver também se produzem com o auxílio de truques. Os técnicos experimentaram disparar armas por cima e por baixo do microfone em filas cerradas e a distancia, sendo previamente o microfone coberto com sacos de papel e cobertores.

O melhor processo, actualmente, consiste em disparar uma cápsula que produza fumo e não som. A detonação é feita mais tarde. No filme «Madame X»

Tendo já terminado a fita «One Hour With You» («Uma hora contigo»), Maurice Chevalier saiu de Hollywood em 7 de Janeiro, para uma *tournee* pela América, devendo percorrer São Francisco, St. Louis, Indianapolis, Columbus, Chicago, Detroit, Boston, Filadelfia, Washington, Baltimore, Newark, terminando em Nova York, onde representará durante 17 dias no Teatro Fulton. Chevalier deve estar de volta a Hollywood em princípios de Março, que é quando começará a fita «Love Me Tonight» («Amame esta noite»), nos estúdios da «Paramount».

«Mata Hari», a recente fita da «M-G-M», com Greta Garbo e Ramon Novarro, bateu todos os *records* de bilheteira do «Capitol», de Nova-York, rendendo na primeira semana 112.000 dollars. O *record* anterior pertencia a «Anna Christie», por menos alguns milhares de dollars.

Paul Lukas, o grande actor húngaro que há muito trabalha para a «Paramount», e que brevemente veremos em «Ruas da Cidade», ao lado de Sylvia Sydney e Gary Cooper, tendo terminado o filme «Tomorrow and Tomorrow», com Ruth Chatterton, foi para férias, para Palm Springs.

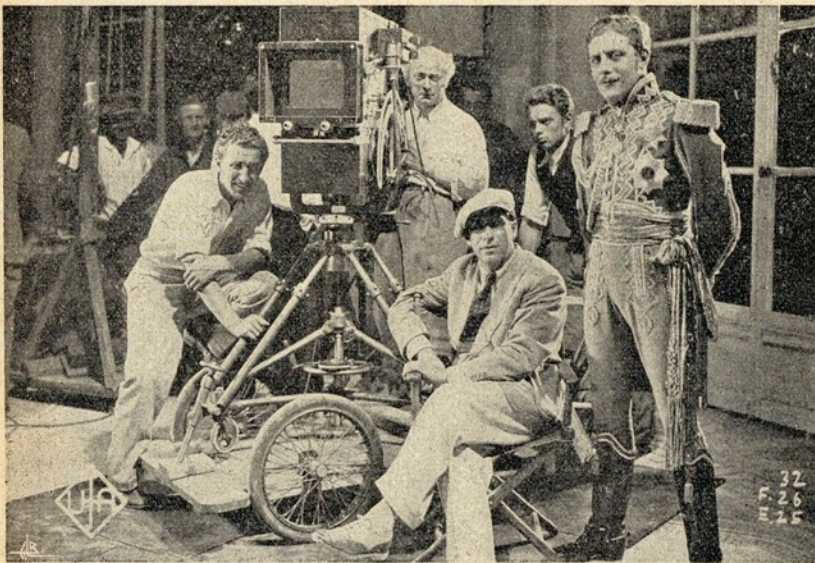
Em fins de Janeiro esteve em Berlim o cinematografista português H. da Costa.

A «Ufa» está preparando um novo filme, cujo título provisório é «Concurrents au virage» que decorre nos meios ciclistas.

Richard Arlen, que tem estado nos estúdios da «Paramount» em Nova-York interpretando «Wayward», que já está pronto, partiu no dia 11 de Janeiro para Hollywood, acompanhado de sua esposa Jobyna Ralston.

Carole Lombard terminou para a «Paramount» a protagonista de «No One Man» («Nenhum homem»). Foi passar as férias com seu marido William Powell, em Yosemite Valley.

Segundo os mais recentes informes, as várias empresas americanas possuem os seguintes cinemas na América do Norte: Paramount, 971 mais 169 no Canadá; Warner Brothers, 529; Fox, 521; Loew (M-G-M), 189; RKO, 161; Universal, 66.



Durante a filmagem de «O Congresso que Dança»: A' direita, Henry Garat; sentado, o realizador Eric Charell; ao aparelho, o mestre-fotógrafo alemão Carl Hoffmann.

rio ruído da agua neste filme foi conseguido com uma banheira, onde se agitava a agua suavemente. O som era perfeito. Além desta aplicação, também a banheira pode ser usada para nos dar a impressão nitida das ondas contra a amurada dum navio parado.

Se se carece de efeitos sonoros nas corridas de automoveis, um tambor ligado a um motor dá um ótimo som.

Um outro método frequentemente usado para dar a impressão dum motor ao iniciar a marcha é obtido pela ligação do microfone a um tubo de escape. O som do motor dum aeroplano reproduz-se muito bem, excepto quando a cena é realizada dentro dos «estúdios»; basta, para isso, pôr em movimento um trator Fordson.

O filme «Azas» foi feito nos primeiros tempos dos efeitos sonoros. O «estúdio», a princípio, estava embaraçado com o som dos tanks, na sua implacável marcha

o revolver era disparado dentro duma barrica.

Falando de explosões fantasiosas, houve já quem fizesse rebrantar um balão, imitando assim o estrondo duma explosão numa caldeira.

Hoje em dia, leitor, em qualquer parte podes encontrar efeitos sonoros com aplicação nos «estúdios».

No que diz respeito a imitadores de animais, Hollywood está cheio deles; é difícil obter a voz de qualquer animal na devida ocasião. Existe em Hollywood quem ganhe muito dinheiro com estas imitações.

Eles têm um método único de fazer reclames; permanecem frequentemente à porta do estúdio. Logo que surge um director, põem em foco as suas raras faculdades de imitação, reproduzindo com exactidão a voz de qualquer animal.

Em certa ocasião, queria-se num estúdio o barulho da queda dum cavalo.

Tudo foi tentado, incluindo a própria queda, mas nada satisfez. Serviram-se então com sucesso duma pilha de sacos alcatroados.

Para sincronizar o barulho da queda dum corpo humano, costuma usar-se uma abóbora.

O som das máquinas grava-se com facilidade.

No filme «Homens de ferro», de Lon Chaney, onde o actor trabalhava numa locomotiva, o som desta era perfeito.

Por outro lado, uma coisa tam simples como o som da queda da chuva faz nascer cabelos brancos ao técnico.

Mas toda a gente dirá que a maior dificuldade consiste na imitação da voz humana, porque a perfeição nunca é tanta como seria para desejar.



“CIMARRON” GANHA TAMBEM O INQUÉRITO DE “FILM DAILY”

SIDNEY R. KENT SAI DA “PARAMOUNT”

O produtor francês Alex Nalpas está filmando nos estúdios «Eclair» uma película intitulada «Midi et 1/2» (Meio dia e 1/2 hora), com Kety Pierson e Rollin como principais intérpretes.

Nos primeiros dias de Janeiro morreu em Hollywood Alyce McCormick, uma actriz que figureu nos recentes filmes «Spirit of Notre Dame», «Fratkenstein» e «Bad Girl».

Albert Préjean e Anabella assistiram há dias em Londres à apresentação do filme «Uma noite de rusga». Também esteve presente o realizador Carmine Gilione.

Foi estreada na América a fita «Anny no Music-Hall». A critica americana censura a realização, mas elogia a interpretação de Anny Ondra.

George O'Brien esteve alguns dias doente, por se ter magoado durante a filmagem de «De Gay Bandit» («O Bandido Alegre») da «Fox». Na interpretação toma parte Victor MacLagien, que veremos brevemente em «Fatalidade», com Marlene Dietrich.

Winfield Sheehan, um dos maiores da «Fox», pediu licença de 3 meses, sem vencimento. O presidente daquela casa E. R. Tinker, conseguiu que Sheehan passe a receber metade do ordenado, durante aqueles 3 meses, atendendo à sua antiguidade ao serviço da «Fox».

Durante o ano de 1931 foram apresentadas na América 622 películas de grande metragem, das quais 104 de produtores independentes e 121 estrangeiras. As restantes 397 foram assim distribuídas: Paramount, 62; M-G-M, 52; Fox, 50; RKO, 37; Columbia, 36; First National, 34; Warner Brothers, 33; Universal, 27; Tiffany, 26; United Artists, 15; Pathé, 14; Sono Art-World Wide, 11.

Edmund Lowe, que durante muitos anos sempre trabalhou para a «Fox», foi ha pouco contratado pela «Paramount», para a qual vai interpretar «Sensation», ao lado de Claudette Colbert, nos estúdios de Nova-York.

Entrou na 9.ª semana, no «Mable Arch Pavillion», de Londres, o filme «O Congresso que Dança».

Hollywood, 22. — Confirmando a minha carta de ante-ontem, e como previa, chegou ontem o telegrama de Nova-York com o resultado do inquérito de «Film Daily» para saber quais os 10 melhores filmes do ano. Deu o seguinte resultado:

Table with 2 columns: Film Title and Votes. Includes titles like «CIMARRON» (RKO) with 273 votes, «STREET SCENE» (United Artists) with 200 votes, etc.

Este inquérito da «Film Daily» é muito apreciado na América, e tem havido aqui em Hollywood grande ansiedade pelo seu resultado, muito embora já se calculasse que «Cimarron» obteria a primeira classificação.

Outro caso sensacional, que os telegramas de Nova-York nos trouxeram hoje, e que causou enorme surpresa aqui na colónia cinematográfica, foi a saída de Sidney R. Kent, da «Paramount».

Sidney Kent, desde há muito vice-presidente da «Paramount», trabalhava para esta casa há 14 anos. A sua saída foi oficialmente anunciada ante-ontem em Nova-York pelo presidente Adolph Zukor, que declarou: «O pedido de demissão de Sidney R. Kent foi aceite por todos nós com o mais profundo pesar».

A repentina demissão de Sidney Kent que causou a maior surpresa (e aqui em Hollywood nem mesmo nos estúdios de Marathon Street se desconfiava de tal facto) foi devida, diz-se, a divergencias com o grupo de Chicago que agora está grandemente interessado nos negócios da «Paramount».

Sidney Kent continuará trabalhando na industria cinematográfica, se bem que se ignore para que marca ou quaisquer outros definitivos projectos. Há cerca de um ano, constou que elle sairia da «Paramount» para tomar a presidência da «Fox».

Sobre o inquérito da «Film Daily» escreverei mais detalhadamente daqui por dois ou três dias.

JOÃO PORTUGAL.

Arthur Loew, vice-presidente da «M-G-M», vai visitar de avião as sucursais sul-americanas daquela firma. Ele próprio será o piloto devendo ser apenas acompanhado por um mecânico. Loew tenciona visitar o Perú, Argentina, Brasil, Chile e Venezuela. Em Lima, conferenciará com William Melinker, director geral da «M-G-M» para a América do Sul.

Dorothy Jordan renovou o seu contrato de longa duração com a «M-G-M».

Lily Damita será a protagonista de «He Met a French Girl» («Ele encontrou uma francesa»), que a «Paramount» vai fazer com Roland Young no principal papel masculino.

A casa francesa Delac & Vandal acaba de instalar escritórios na América, sob a firma M. Vandal e Chas. Delac. O capital da sucursal americana é de 20.000 dollars.

Ouvimos dizer...

que se accentuam as possibilidades de uma casa americana estabelecida em Lisboa tomar conta do «Tivoli», daquela cidade.

que, para tratar do assunto, deve chegar brevemente a Lisboa um enviado de

Barcelona, ou seguir para esta cidade o gerente da tal casa em Lisboa

que os filmes «O Presidio» e «Em frente, marche», serão reexibidos brevemente no «Batalha».

que o «Teatro Circo», de Braga, exhibirá brevemente os filmes «O Congresso que Dança» e «Uma Noite de Rusga».

que na quarta-feira de Cinzas se estreará no «São Luiz», de Lisboa, a versão sonorizada de «Ben-Hur».

que a seguir se estreará «A Tragédia da Mina».

que a empresa que ultimamente tem explorado os cinemas «Royal» e «Palacio», de Lisboa, acaba de entregar este último ao seu proprietário.

que este cinema, que tem estado fechado esta última semana, reabrirá as suas portas hoje, sábado, dirigido pelo seu proprietário, sr. Bruges.

que Castelo Lopes apresentará brevemente o filme «Noites de Veneza».

que o «Trindade» estreará em fins de Fevereiro ou principios de Março «O Café do Felizberto», com Maurice Chevalier.

que o «Batalha» reexibirá brevemente o filme «O Rei dos Borlistas».

que um cinema do Porto vai, dentro em breve, passar a dar sessões apenas aos sábados e domingos.

que o «Trindade» exhibirá em Março o filme «O Coração Manda», com Joan Crawford.

«A Tragédia da Mina» foi adquirida para Portugal

Soubemos há dias que o filme de G. V. Pabst, «Kameradschaft», exibido em França, com o titulo «La Tragédie de la Mine», foi adquirido para Portugal pela Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda.

Segundo os informes que temos, aquele filme será exibido em Portugal com o titulo «A Tragédia da Mina», devendo ser estreado no «São Luiz», de Lisboa, em 16 do corrente.



## Sylvia Sydney

Sylvia Sydney encontra-se há perto de um ano em Hollywood. Já não é positivamente uma figura nova, quasi desconhecida... Toda a gente a conhece, a cumprimenta, a elogia... Sabem-se os seus hábitos, a sua idade, os nomes dos seus admiradores...

Mas nós, os portuguezinhos inflamáveis, quasi que ainda não conhecemos Sylvia Sydney.

Quando se soube que o papel de Clara Bow em «Ruas da Cidade» seria confiada a Sylvia Sydney — uma desconhecida, santo Deus!... — emitiram-se várias opiniões hostis... Os amigos e admiradores de Clara Bow irritaram-se com esta escolha, — e consideraram Sylvia como uma importuna... Os inquietos, os tímidos, acharam asneira substituir Clara por uma principiante... «Enfim — diziam — pode ser um grande fiasco...»

Toda esta santa gente desconhecia Sylvia... Hollywood é senhora do seu nariz, e tem um poder especial em ignorar a Broadway... Ina Claire foi o mais flagrante exemplo: em Nova-York era uma actriz de fama, uma «vedette» de nome... Em Hollywood foi apenas «a mulher do John Gilbert»... Sylvia estava muito bem cotada como actriz de teatro... Mas qual seria a sua actuação

diante das câmaras?... Era verdade que Sylvia tinha feito há alguns anos um filme mudo, — mas já ninguém se lembrava daquela pequena actriz...

Nos estúdios, nos restaurantes, nas casas de modas ninguém dava um dolar pela sorte de Sylvia...

Chegou a noite da apresentação de «Ruas da Cidade» («City Streets»)...

No dia seguinte dizia-se: «ela é espantosa!»... «Sylvia é uma linda pequena»... E muitas mais palavras bonitas, — as mesmas palavras bonitas que vocês vão dizer depois de apreciarem a sua magistral interpretação em «Ruas da Cidade», um filme que o «Trindade» exhibirá em breve.

Sylvia impôs-se a Hollywood. «Ruas da Cidade» foi um grande triunfo... E depois reparem vocês... Entre tantas belezas «em série», Sylvia criou um novo tipo de mulher... Sylvia tem o cabelo castanho, olhos verdes, um rosto de linhas curvas... Os lábios são carnudos,

polposos como um fruto apetitoso... E não possui aquele ar de enfado que alguns artistas consideram como uma coisa muito fina, muito distinta — e feminil... E' uma rapariga viva, sã... Mocidade, alegria, frescura...

Mãe russa, pai romeno... Eslava dos pés à cabeça... O seu pai é o Dr. Sigmund Sydney, um dos mais célebres dentistas de Hollywood...

Como descobriu Sylvia uma vocação artística?... Ignoramo-lo... E Sylvia também o ignora. — Sylvia quis ser artista porque sim, porque se lhe meteu esta ideia na cabeça... Aos cinco anos já pensava nos seus triunfos teatrais... Aos dezasseis representava o seu primeiro papel...

Depois esperou pacientemente os contratos... Andava de empresário em empresário... Até que um dia lhe deram um pequeno papel numa peça sem valor...

Depois andou aos baldões da sorte, de teatro em teatro, de terra em terra...

Hollywood foi mais uma vez a terra de promessa... «Ruas da Cidade» foi a vitória, o triunfo rápido... E Sylvia Sydney é hoje uma das mais cotadas «estrelas» de Hollywood...



BUSTER KEATON (Pamplinas) e ANITA PAGE,  
numa cena de «O Fabricante de Estrelas», produção da «M-G-M»  
que o «Trindade» estreará na próxima terça-feira

# Pelas nossas Cinemas

**NOS LÁBIOS... NÃO!** (Pas sur la bouche):—Este filme é daqueles em que o esforço e o dinheiro dispendidos com a sua produção, não recebem depois a compensação devida, quando apresentados em público. É claro que não se trata de milagre e, se o filme não resultou como se agurava ou, pelo menos, como se pretendia, por certo que a causa por lá anda, muito embora nela não atentassem os cooperadores da produção.

«Nos Lábios... Não!», que pretende ser uma opereta fílmica, é apenas uma opereta teatral, porque teatral é toda a condução dos seus quadros, dos seus episódios, das suas seqüências, numa técnica atrasada em que só de longe a longe (por exemplo, nas ligações das vozes das diferentes personagens cantando «Sur le quai, sur le quai Malaquais...») se vislumbram enxertos de realização fonocinematográfica.

A influência teatral faz-se sentir extraordinariamente em todo o filme. Evreinoff e Rimsky, que o dirigiram, não souberam aproveitar os momentos valiosos que possuía a peça de André Barde e Yvain, e transplantaram-na para o cinema tal qual, de-certo, foi representada no teatro. Nem doutra forma se concebem aqueles diálogos e duetos tão demorados e quasi que isolados da acção, a qual, por sua vez, se arrasta em cenas prolongadas, num excesso de metragem de que a obra cinegráfrica nada beneficia.

A dar certo valor a «Nos Lábios... Não!» está o excelente grupo de interpretes, à frente dos quais Rimsky que soube caricaturar bem, como se pretendia, o milionário americano. Mireille Perrey, na Gilberte, foi tão boa actriz como cantora. Pierre Moreno foi um Faradel de boas qualidades cómicas, e boa cómica foi também Alice Tissot, uma especialista do género. Jane Marny, o palminho de cara mais lindo de todo o filme, tem um papel diminuto mas revela boa voz e dição. Deve ser um elemento aproveitável.

«Nos Lábios... Não!» possui uma outra boa qualidade— a decoração: Há um extraordinário luxo, com bom gosto e modernismo, em todos os interiores da casa de Valandray; os cortes arquitecturais, os moveis, os adornos, as *ferroneries*, o escritório de Thomson, de absoluta originalidade, tudo é de grande beleza e um regalo para a vista.

É pena que este filme não fosse realizado dum bom cenário cinegráfico, e que a direcção não soubesse amenizá-lhe essa falta. Assim, é apenas um filme que se vê com relativo agrado, sem entusiasmo, que pode satisfazer ao espectador de modestas exigências.

Autores: André Barde e Maurice Yvain. Fotógrafos: Georges Raulet e Nicolas Roudakoff. Decorador: Schildknecht. Autor musical: Maurice Yvain. Realizadores: Nicolas Rimsky e N. Evreinoff. Interpretes: *Erich Thomson*, Nicolas Rimsky; *Gilberte Valandray*, Mireille Perrey; *Mlle. Poumaillac*, Alice Tissot; *Huguette*, Jane Marny; *Faradel*, Pierre Moreno; *Valandray*, Jacques Grétilat; *Charley*, Lucien Galas; *Madame Foin*, Madeleine Guitty.

Produzida em 1931 pela «Luna Films». Programa Castelo Lopes, L.a. Estreada no «Águia d'Ouro» em 1 de Fevereiro de 1932.

**ANNY E OS CARTEIROS** (Er und seine Schwester):—O público de hoje quer rir. Pode um filme ser primoroso de técnica, ser um trabalho cinematográfico de primeira ordem, que, se fôr um drama comovente, não alcança na bilheteira resultado que se aproxime do de qualquer produção cómica de valor, muito embora até de menor categoria.

«Anny e os Carteiros» atinge perfeitamente o objectivo de fazer rir e é, talvez, a mais hilariante das suas películas, comquanto não seja a mais perfeita de realização, porque Carl Lamac, desta vez, preocupou-se mais com a saliência dos efeitos cómicos dos *gags* do que com a



direcção geral do filme sob o ponto de vista essencialmente cinegráfico.

«Anny e os Carteiros» segue os moldes das antigas comédias de Mack Sennett e quejandas, de situações burlescas criadas pelo *gag* material, muito embora inteligente na sua idealização. Esta, agora, tem sobre essas antigas fitas cómicas a vantagem da cooperação sonora, e na sua utilização Karl Lamac é mestre consumado.

Anny Ondra, actriz de formidáveis recursos, inteligência interpretativa que já no cinema silencioso era bem apreciada

## AS SEIS MELHORES FITAS DE JANEIRO

CONGRESSO QUE DANÇA, (O)  
MARROCOS  
NOITE DE RUSGA, (UMA)  
PAPÁ DAS PERNAS ALTAS, (O)  
TREZE HEROIS (OS)  
VOZ D'AFRICA, (A)

## AS SEIS MELHORES INTERPRETAÇÕES

Armand Bernard em «O Congresso que Dança».  
Conrad Veidt em «Os 13 Heróis».  
Gary Cooper em «Marrocos».  
Janet Gaynor em «O Papá das Pernas Altas».  
Lilian Harvey em «O Congresso que Dança».  
Marlene Dietrich em «Marrocos».

e que agora no sonoro se firmou mais arreigadamente, tem nesta fita um excelente trabalho. Mas Vlasta Burian, actor tchecoslovaco de renome, que vemos pela primeira vez, «rouba» o filme com a sua atuação, já pelas suas grande qualidades de actor cómico, já pela situação da personagem que interpreta, de visível destaque em todo o cenário.

As legendas contribuem para a saliência dos momentos cómicos, suprindo, com o seu espirito e a sua oportunidade, a incompreensão da língua. Que, no entanto, a um filme cómico, e para mais um filme de Anny Ondra, não prejudica muito o diálogo, porque vive mais dos *gags* que da conversa.

Autores: R. Arvey e W. Wassermann. Cenarista: Roda Roda. Fotógrafo: Otto Heller. Decorador: Heinz Fanchel. Director de som: Dr. Neumann. Autor musical: Jara Benes. Realizador: Carl Lamac. Interpretes: *Anny*, Anny Ondra; *Seu irmão*, o carteiro, Vlasta Burian; *Sabine*, a actriz, Berthe Ostyn; *O director do teatro*, André Pilot; *O Ministro dos Correios*, Roda Roda; *O maestro*, Jana Benes.

Produzida em 1931 pela ONDRA-LAMAC FILM. Programa-Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «Trindade» em 2 Fevereiro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

## FORMIDÁVEL ELENCO EM «GRAND HOTEL»

Nos estúdios da «M-G-M» em Culver City acaba de ser decidido o elenco de «Grand Hotel», que aquela casa está começando, e que é como segue:

A Dançarina . . . . .	GRETA GARBO
O Barão . . . . .	JOHN BARRYMORE
Flaemchen . . . . .	JOAN CRAWFORD
O Financeiro . . . . .	WALLACE BEERY
O Invalido . . . . .	LYONEL BARRYMORE
O Doutor . . . . .	LEWIS STONE
O Empregado-Chefe do Hotel . . . . .	JEAN HERSHOLT

Outros intérpretes: TULLY MARSHALL, JOHN MILJAN, KATHRYN CRAWFORD e RUTH SELWYN

Trata-se do mais formidável elenco até hoje reunido num filme sendo de esperar que «Grand Hotel» resulte uma produção extraordinária. Hans Kraly fez o cenário da peça de Vicky Baum, e Edmund Goulding é o realizador.

## “O Café do Felizberto”

(Continuação da pag. 7)

esclareça o caso perante as suas novas relações, pega nela nos braços e leva-a para fora. Sobrevem então um contra-tempo. Um dos cavalheiros presentes, que de ha muito vem procurando atrair as atenções de Mlle. Béangère, toma as dores por ela, como vulgarmente se diz, e exige de Alberto uma satisfação, recebendo como unica resposta uma tremenda bofetada.

\* \* \*

No dia seguinte, Alberto é surpreendido na sua rica residencia pela chegada de dois cavalheiros encasacados e severos que veem da parte do Visconde Gastonnet exigir-lhe uma satisfação de honra — desafiando-o para um duelo.

Eis um contratempo com que o nosso Alberto não contava. Não obstante, o encontro ficou marcado para as seis horas da manhã do dia seguinte, no bosque de Versailles.

— Um duelo à pistola, Paul, — gemeu Alberto, — é como que uma sentença de morte. Como hei-de livrar-me desta encravação, se nunca na minha vida disparei uma pistola?!

— Pierre, o cozinheiro, — alvitra Paul, — foi soldado de artilharia. Talvez ele possa dar-te uma lição de tiro ao alvo.

Alberto não fica muito sossegado com a lembrança do amigo, mas como tem de encarar as circunstancias tais como elas se apresentam, toma o desafio a serio e passa o dia a exercitar-se na cozinha do restaurante, sob a direcção do ex-soldado. Resulta então um episodio interessante. Em determinada occasião, Yvonne entra na cozinha e vendo o cozinheiro de pistola apontada ao peito de Alberto, apanha um susto de tal grandeza que por pouco não perde os sentidos. Mas quando o *garçon* explica que está a preparar-se para um encontro que deve ter no dia seguinte de manhã com o Visconde Gastonnet, não o toma a serio e desata a rir como louca.

\* \* \*

O bosque de Versailles está ainda envolto nas nevoas da manhã quando Alberto e os seus padrinhos, Pierre e Paul, chegam para o encontro. Os adversarios, calmos como verdadeiros profissionais de duelo, fazem a sua aparição alguns minutos antes da hora fixada. O medico começa a dispor os seus instrumentos cirurgicos e Alberto, muito assustado, aproxima-se para inquirir da utilidade dos diferentes ferros.

— Este *forceps* é para a extracção da bala, — explica o doutor. — Aquella mesa serve para qualquer operação urgente, e até posso efectuar nela a autopsia em caso de morte...

Nada mais tranquilizador. Alberto contempla a ferramenta com tristeza, sentindo calefrios pelo corpo.

Pierre, que fôra fixar a distancia com os adversarios e receber a arma, vem tira-lo das suas tristes reflexões e diz-lhe ao ouvido:

— O Visconde não é o inexperiente que eu supunha... Foi oficial de artilharia e este vai ser o seu sexto duelo...

Ante esta última observação, Alberto sente uma tentação irreprimivel de fugir, mas Pierre entrega-lhe a pistola com que deve defender-se.

O elegante adversario aproxima-se para tomar a sua posição.

Alberto, sentindo que é tarde para retroceder, coloca-se de costas voltadas para o visconde e aguarda com o coração aos saltos, as palavras fatais: «um, dois, três, fogo». Mas, neste momento critico, com grande pasmo de todos os presentes, Yvonne surge e vai colocar-se entre os dois contendores.

O Visconde, irritadissimo, exclama:

— Quem é você para vir interpor-se entre nós, cavalheiros, no campo da honra?

— Quem lhe disse que elle é um cavalheiro? Alberto não passa de um criado de café! E' o *garçon* do *Petit Café*.

— Ah, seu impostor, — rugiu o visconde voltando-se para Alberto.

— Engana-se. Já não sou criado de café, porque considero o meu contrato nulo desde este momento! Agora sou um

homem livre, disposto a esbofetea-lo pela segunda vez!

E juntando a acção à palavra, atrai-se ao visconde.

Vendo uma tragedia iminente, Yvonne tem uma ideia milagrosa: dá um grito e cai desmaiada.

Alberto esquece tudo. Corre para ela, aperta-a nos braços e procura reconforta-la com palavras carinhosas.

— Doutor, — exclama voltando-se para o medico, — venha cá, ajude-me. Compreendi agora que a amo e não posso ve-la sofrer!

Com a ajuda de Pierre e de Paul, o moço milionario leva a jovem para um dos autos dos adversarios, partindo numa correria louca. Era o automovel do visconde, para maior afronta aos seus braços...

Reclinada sobre o peito de Alberto, Yvonne confessa que não sofrera desmaio nenhum:

— Procedi assim porque te amo, Alberto...

— Oh, que feliz me sinto, Yvonne!...

.....”  
E tudo termina bem, como V. Ex.<sup>as</sup> veem...



Já está terminada a cenarização, feita por Karel Anton e Alfred Savoir, de «Anna Karénine», que a «Paramount» vai filmar nos estúdios franceses, com Olga Tschecowa como protagonista. Karel Anton será tambem o realizador.

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

O grandioso filme de aventuras

# A DEBANDADA

Magnifica produção da «Paramount», com o esplêndido desempenho de RICHARD ARLEN e FAY WRAY

Um filme de aventuras com um enredo cheio de interesse. — Uma história de amor no Oeste.

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

## N.º 3

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é valida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do “CINEMA”

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 11 e 13 de Fev.

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 11 e 13 de Fev.

PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 11 de Fevereiro

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 11 de Fevereiro

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 13 de Fevereiro

# **Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>**

**a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos**



**Apresenta na próxima semana no**

**Cinema Águia d'Ouro**

## **A Revista das Revistas**

Super-produção tôda em technicolor, falada e cantada, com os principais artistas da "Warner Brothers" e "First National"



## **O Lobo da Califórnia**

Um extraordinário filme interpretado pelo grande actor KEN MAYNARD



**Um filme de Castelo Lopes  
quer dizer "Casa á Cunha,,**